

Coesão Textual: Conceitos e Mecanismos¹

Conceito

A maioria dos professores, de qualquer grau, concorda que os alunos não leem, não gostam de ler e têm dificuldades para compreender o texto escrito.

Muitos relutam em assumir sua parcela de responsabilidade na formação do aluno leitor.

A escola deveria ser o local de “aprendizagem da leitura” por excelência.

A escola acaba atuando ao contrário.

A escola usa o texto fragmentado (muitas vezes com referência de título e autor).

O texto aparece no livro didático apenas como escada para o ensino de gramática.

O professor, na verdade, acaba “ensinando” que a leitura é uma atividade chata, inútil e que provoca sofrimento.

As frases acima se referem ao assunto “leitura”, mas não podemos dizer que façam sentido, porque parecem soltas, parecem não constituir um conjunto. Não é possível perceber a relação de sentido entre elas, portanto não constituem um texto.

Veja o texto abaixo

A maioria dos professores, de qualquer grau, concorda que os alunos não lêem, não gostam de ler e têm dificuldades para compreender o texto escrito, **porém** muitos relutam em assumir sua parcela de responsabilidade na formação do aluno leitor.

Assim, a escola, **que** deveria ser o local de “aprendizagem da leitura” por excelência, acaba atuando ao contrário: ao usar o texto fragmentado (muitas vezes com referência de título e autor) **que** aparece no livro didático apenas como escada para o ensino de gramática, o professor, na verdade, acaba “ensinando” que a leitura é uma atividade chata, inútil e que provoca sofrimento.

O exemplo acima trabalha as idéias interligando umas às outras, de forma que agora o conjunto de frases anteriores constitui um texto. Não se trata mais de frases soltas sem conexão, sem ligação, sem coesão.

Coesão é a ligação, a conexão que ocorre entre os vários enunciados que compõem um texto.

¹ Texto adaptado de MOYSÉS, C. A. Língua Portuguesa – atividades de leitura e produção de textos. São Paulo: Saraiva, 2005. KOCH, I.G. e TRAVAGLIA, L.C. **Texto e Coerência**. São Paulo: Scipione, 1999. / KOCH, I.G. **A coerência Textual**. São Paulo: Contexto, 1995. / KOCH, I.G. **A coesão Textual**. São Paulo: Contexto, 1989. **Conectividade** disponível em <http://acd.ufrj.br/~pead/tema02/coerencia.html>.

Observe o texto abaixo:

Os Urubus e sabiás

(1) Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam ... (2) Os urubus, aves por natureza becadas, **mas** sem grandes dotes para o canto, decidiram que, **mesmo** contra a natureza, eles haveriam de se tornar grandes cantores. (3) E **para** isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, **para** ver quais deles seriamos mais importantes e teriam a permissão de mandar nos outros. (4) **Foi assim que** eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar respeitável urubu titular, a quem todos chamavam por Vossa Excelência. (5) Tudo ia muito bem **até que** a doce tranquilidade de hierarquia dos urubus foi estremecidas. (6) A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com sabiás... (7) Os velhos urubus entortaram o bico, o rancor encrespou a testa, e eles convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito. (8) – Onde estão os documentos dos seus concursos?” (9) **E** as pobres aves se olharam perplexas, **porque** nunca haviam imaginado que tais coisas houvessem.. (10) Não haviam passado por escolas de canto, **porque** o canto nascera com elas. (11) e nunca apresentaram um diploma **para** provar que sabiam cantar, **mas** cantavam, simplesmente...(12)- Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem. (13) E os urubus, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...

(14) Moral: Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá.

(Rubem Alves, Estórias de Quem gosta de Ensinar, Cortez Editora, São Paulo, 1984, pp. 61-62)

Pode-se comprovar, observando o texto acima, que um texto não é apenas uma soma ou sequência de frases isoladas. Veja-se o início: “Tudo aconteceu...” Que “tudo” é esse? Que foi aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam? Em (3), temos o termo isto: “E para isto fundaram escovam...” Isto o quê? De que se está falando? Ainda em (3), qual é o sujeito dos verbos fundaram, importaram, gargarejaram, mandaram, fizeram? É o mesmo de teriam? Fala-se em quais deles: deles quem? E quem são outros? Qual é o referente de eles em (4)? Em (5), tem-se novamente a palavra tudo: “Tudo ia muito bem...”. Será que esta segunda ocorrência do

termo tem o mesmo sentido da primeira? Em (7), a quem se refere o pronome eles? E seus, em (8)? Quais são as pobres aves de que se fala em (9)? E as tais coisas? Elas, em (10), refere-se a pobres aves ou tais coisas? De que passarinhos se fala em (13)?

Se tais perguntas podem ser facilmente respondidas pelos eventuais leitores, é porque os termos em questão são elementos da língua que têm por função precípua estabelecer relações textuais: são **recursos de coesão textual**.

Assim, tudo, em (1), remete a toda a sequência do texto, sendo, pois, um elemento **catafórico**. Por seu turno, isto, em (3), remete para o enunciado anterior; é, portanto, **anafórico**, do mesmo modo que tudo, em (5). Deles, em (3), remete a urubus, de (2) são também os urubus o sujeito (elíptico) da sequência de verbos em (3), mas não de teriam, cujo sujeito será um subconjunto do conjunto dos urubus, que exclui o subconjunto complementar formado por outros; e, em (4), eles pode remeter a urubus, de (2), ou ao primeiro subconjunto citado acima. Em (7), eles retoma os velhos urubus que, por sua vez, retoma os urubus citados anteriormente. Seus, em (8), remete a pintassilgos, sabiás e canários. Tais coisas referem-se aos documentos de que se fala em (8). Os passarinhos, em (13), remete a elas de (10), que, por seu turno, remete a pobres aves, de (9) e esta expressão a pintassilgos, sabiás e canários de (7) que retoma (6).

Note-se, agora, que há outro grupo de mecanismo cuja função é assinalar determinadas relações de sentido entre enunciados ou partes de enunciados, como, por exemplo: **oposição ou contraste** (mas, em (2) e (11); mesmo, em (2); **finalidade ou meta** (para, em (3) e (11); **conseqüência** (foi assim que, em (4); e, em (7); **localização temporal** (até que, em (5)); explicação ou justificativa (porque, em (9) e (10)); **adição de argumentos ou idéias** (e, em (11)).

É por meio de mecanismo como estes que se vai tecendo o “tecido” (tessitura) do texto. A este fenômeno é que se denomina **coesão textual**.

Em obra que se tornou clássica sobre o assunto, Halliday & Hasan (1976) apresentam o conceito de coesão textual, como “a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro”.

Para esses autores, a coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação. A coesão, por estabelecer relações de sentido, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio

antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. A cada ocorrência de um recurso coesivo no texto, denominam “laço”, “elo coesivo”.

Halliday & Hasan citam como principais fatores de coesão a referência, a substituição, a elipse, a conjunção, e a coesão lexical, que serão tratados mais adiante. Seu trabalho tem servido de base para um grande número de pesquisas sobre o assunto.

Marcuschi (1983) define os fatores de coesão como “aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto”, afirmando que não se trata de princípios meramente sintáticos, mas de “uma espécie de semântica da sintaxe textual”, isto é, dos mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relações de sentido.

Tais afirmações levam à distinção entre coesão e coerência: embora muitos autores tenham desconsiderado esta distinção. Hoje em dia já se tornou praticamente um consenso que se trata de noções diferentes.

Para Beaugrande & Dressler, “a coerência diz respeito ao modo como os componentes do universo textual, ou seja, os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície são mutualmente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentidos”.

A coerência, responsável pela continuidade dos sentidos no texto, não se apresenta, pois, como mero traço dos textos, mas como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, diz Marcuschi, “a simples justaposição que recobrem ou criam relações de coerência”.

Parece fora de dúvida que pode haver textos destituídos de elementos de coesão, mas cuja textualidade se dá no nível da coerência, como em:

Olhar fito no horizonte. Apenas o mar imenso. Nenhum sinal de vida humana. Tentativa desesperada de recordar alguma coisa. Nada.

Por outro lado, porém ocorrer sequenciamentos coesivos de enunciados que, porém, não chegam a constituir textos, por faltar-lhes a coerência. É o caso de:

**O dia está bonito, pois ontem encontrei seu irmão no cinema.
Não gosto de ir ao cinema. Lá passam muitos filmes divertidos.**

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Assim, em muitos tipos de textos – científicos, didáticos, expositivos, opinativos, por exemplo - a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência.

Concluindo, pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.

Mecanismos

Como se disse anteriormente, Halliday & Hasan (1976) distinguem cinco mecanismos de coesão:

- ◆ Referência (pessoal, demonstrativa, comparativa)
- ◆ Substituição (nominal, verbal, frasal)
- ◆ Elipse
- ◆ Conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa)
- ◆ Coesão lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação).

São elementos de referência os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação. Aos primeiros denominam pressupostos e aos últimos, pressuposto. Para os autores, a referência pode ser situacional e textual.

A **referência** é situacional quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, isto é, quando o referente está fora do texto; e é textual, quando o referente se acha expresso no próprio texto.

A **referência**, para eles, pode ser: pessoal (feita por meio de pronomes pessoais e possessivos), demonstrativa (realizada por meio de pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar), e comparativa (efetuada por via indireta, por meio de identidades e similaridades). Vejam os exemplos:

1. Você não se arrependerá de ter lido este anúncio (situacional).
2. Paulo e José são excelentes advogados. Eles se formaram na Academia do Largo de São Francisco. (Referência pessoal anafórica).
3. Realizara todos os seus sonhos, menos este: o de entrar para a Academia. (Referência demonstrativa catafórica).
4. a. É um exercício igual ao de ontem.
b. É um exercício semelhante ao de ontem = (Referência comparativa textual)
c. É um exercício diferente do de ontem.
5. Por que você está decepcionada? Esperava algo de diferente? (Referência comparativa situacional)

A **substituição** consiste, para Halliday & Hasan, na colocação de um item em lugar de outro (s) elemento (s) do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira. Seria uma relação interna ao texto, em que uma espécie de “ coringa” é usado em lugar de repetição de um item particular. Exemplos:

1. Pedro comprou um carro novo e José também.
2. O professor acha que os alunos não estão preparados, mas eu não penso assim.
3. O padre ajoelhou-se. Todos fizeram o mesmo.
4. Minha prima comprou um carro. Eu também estou querendo um.

Segundo esses autores, a principal diferença entre **substituição e referência** é que nesta, há total identidade referencial entre o item de referência e o item pressuposto, ao passo que na substituição ocorre alguma redefinição. A substituição seria usada precisamente quando a referência não é idêntica ou quando há, pelo menos, uma especificação nova a ser acrescentada, o que requer um mecanismo que seja semântico, mas essencialmente gramatical.

Esse processo de redefinição tem o efeito de “ repudiar” , do item pressuposto, tudo o que não seja transportado na relação de pressuposição: a nova definição é contrastiva com relação à original. Um exemplo de caráter contrastivo da substituição seria:

5. Pedro comprou uma camisa vermelha, mas Jorge preferiu uma verde.

A **elipse** seria, então, uma substituição por zero: omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado, facilmente recuperáveis pelo contexto. Exemplo:

6. Paulo vai conosco ao leilão?

‡ ➡ Vai ➡.

A **conjunção** (ou conexão) permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto. Tais relações são assinaladas explicitamente por marcadores formais que correlacionam o que está para ser dito àquilo que já foi dito. Trata-se dos diversos tipos de conectores e partículas de ligação como e, mas, depois, assim, etc. Halliday & Hasan apresentam, como principais tipos de conjunção, a aditiva, adversativa, a causal, a temporal e a continuativa. Um mesmo tipo de relação pode ser expresso por uma série de estruturas semanticamente equivalentes, como em:

7. a. Uma grande paz seguiu-se ao violento tumulto.

b. Após o violento tumulto, houve uma grande paz.

**c. Houve um violento tumulto. {Depois}, seguiu-se uma grande paz.
{Logo após}**

d. Depois que terminou o violento tumulto, houve uma grande paz.

e. Houve uma grande paz, depois de haver terminado o violento tumulto.

Observe o quadro abaixo que apresenta o tipo de relação que algumas conjunções exprimem:

Relação	Conjunção
Adição	E, nem (= e não), não ... mas também
Oposição	Mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto
Conclusão	Logo, pois (colocada após o verbo), portanto, por isso
Explicação	Pois (colocada antes do verbo), porque, que, visto que
Causa	Como, uma vez que, porque que
Condição	Se, a menos que, desde que, contanto que
Consequência	(tão)... que, (tanto)... que, (tamanho)... que
Conformidade	Como, conforme, segundo
Concessão	Embora, mesmo que, ainda que, se bem que, conquanto
Proporção	À proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... tanto mais
Comparação	(mais)... que, (menos)... que, (tão)... quanto, como
tempo	Quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que
Finalidade	A fim de que, para que

A coesão Lexical é obtida por meio de dois mecanismos: a reiteração e a colocação. A reiteração se faz por repetição do mesmo item lexical ou por meio de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, como se pode ver nos exemplos abaixo:

- 8. O presidente viajou para o exterior. O presidente levou consigo uma grande comitiva. (mesmo item lexical)**
- 9. Uma menina correu ao meu encontro. A garota parecia assustada. (Sinônimo)**
- 10. O avião ia levantar vôo. O aparelho fazia um ruído ensurdecedor. (Hiperônimo: aparelho designa o gênero de que avião é espécie).**

11. Todos ouviram um rumor de asas. Olharam para o alto e viram a coisa se aproximando. (Nome genérico: coisa, pessoa, fato, acontecimento etc.)

A colocação ou contiguidade, por sua vez, consiste no uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo:

12. Houve um grande acidente na estrada. Dezenas de ambulâncias transportaram os feridos para os hospitais da cidade mais próxima.

Citam, também, como formas de coesão, relações lexicais como hiponímia e hiperonímia (ex: dália-flor), parte-todo (ex.: casco-navio); colocabilidade (ex.: sábado se relaciona com domingo); outras relações estruturais como a substituição causal (ex.: Ele ficou feliz com a notícia. Eu também); comparação (ex.: Meu polegar é mais forte que este martelo); repetição sintática (ex.: Nós entramos. Eles entraram); consistência de tempos verbais; opções estilísticas adequadas ao registro, etc.

Exercícios – Coesão Textual

1. Reescreva o parágrafo abaixo substituindo os termos repetidos.

As revendedoras de automóveis não estão mais equipando os automóveis para vender mais caro. O cliente vai à revendedora de automóveis com pouco dinheiro e se tiver que pagar mais caro o automóvel, desiste de comprar o automóvel e as revendedoras de automóveis têm prejuízo.

2. Complete o parágrafo com os termos que estão faltando, dando-lhe coesão.

Com a descoberta dos microcomputadores pessoais (os “PCs”) o comportamento das pessoas mudou nestas últimas décadas. Primeiro, as pessoas olharam com desconfiança para essa máquina “tão genial”. ____, com a proximidade e o contato constante com este equipamento (devido ao trabalho), a sociedade começou a entender que tal invenção era necessária e sua existência era irreversível. _____, com o advento da Internet, o mundo não vive mais sem os “PCs”, que se tornaram mais rápidos, eficientes e portáteis

3. Redija duas novas versões do texto abaixo, utilizando os articuladores sintáticos de oposição e de concessão.

Você é uma pessoa muito interessante e inteligente, _____ não consegui me apaixonar, sinto muito.

_____ você _____ uma pessoa muito interessante e inteligente, _____ não consegui me apaixonar, sinto muito.

Você é uma pessoa muito interessante e inteligente, _____ não consegui me apaixonar, sinto muito.

4 – Faça o mesmo com o texto abaixo utilizando articuladores sintáticos de fim.
Roberto faz faculdade _____ conseguir melhor colocação profissional.

5– Elabore um parágrafo que utilize articuladores sintáticos de causa.

6- Elabore um parágrafo que utilize articuladores sintáticos de conclusão.

7 – Relacione as três ideias do grupo de sentenças abaixo, em um só período (parágrafo), articulando as sentenças da maneira que julgar mais adequada. Faça isso três vezes, utilizando como tópico frasal, alternadamente, cada uma das frases.

- a) Muitas empresas multinacionais estão decepcionadas com alguns aspectos da nova Constituição.
- b) Muitas empresas multinacionais continuarão a investir no Brasil.
- c) Muitas empresas multinacionais acreditam no futuro do Brasil.

- As mulheres assumiram a cumplicidade no papel da dominação masculina. (ideia principal)
 - As pessoas atribuem às mulheres a responsabilidade fundamental do romantismo. (causa da principal)
 - O problema da dominação masculina vem explodindo, ultimamente. (oposição à primeira)
-
-
-
-
-

9. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.
2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.
3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.
4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.
5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.
6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

- a) 2 – 1 – 3 – 5 – 4 – 6
- b) 2 – 1 – 3 – 6 – 4 – 5
- c) 1 – 3 – 6 – 5 – 2 – 4
- d) 1 – 2 – 3 – 6 – 5 – 4
- e) 4 – 5 – 2 – 1 – 6 – 3

10. Marque a opção que não completa, de forma lógica e gramaticalmente coesa, o trecho fornecido.

Todo ano, nessa época, São Paulo festeja o Santo Gennaro, padroeiro dos napolitanos. A rua San Gennaro é pequena e apresenta riscos para os frequentadores das atividades. Em virtude disso,

- a) as barracas ficarão espalhadas pelas calçadas das ruas adjacentes.
- b) a assessoria da prefeitura entrou em entendimento com a comunidade do bairro visando à transferência de local.
- c) recomenda-se aos pais que a presença de crianças na festa não ultrapasse as 21 horas.
- d) os festeiros definiram, para este ano, a realização dos festejos na rua San Gennaro.
- e) a comunidade napolitana solicita seja indicado local alternativo para as festividades.

Coerência

A **coerência** é a relação que se estabelece entre as partes de um texto, criando uma unidade de sentido. Ela é o resultado da solidariedade, da continuidade do sentido, do compromisso das partes que formam esse todo. Está, pois, ligada à compreensão, à possibilidade de interpretação daquilo que se diz, escreve, ouve, vê, desenha, canta, entre outras formas de expressão.

A coerência caracteriza-se, portanto, por uma interdependência semântica entre os elementos constituintes de um **texto**. Ela é o resultado de processos mentais de apropriação do real e da configuração dos esquemas cognitivos que definem o nosso saber sobre o mundo.

Alguns estudiosos de Linguística Textual (Koch e Travaglia, 1990) ampliam o conceito de coerência, considerando-a condição fundamental para a construção do texto. Apresentam a coerência como decorrente de fatores das mais diversas ordens: linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais.

Elementos Linguísticos

Embora não seja possível apreender o sentido de um texto com base apenas nas palavras que compõem e na sua estruturação sintática, é indiscutível a importância dos elementos linguísticos do texto para o estabelecimento da coerência. Esses elementos servem como pistas para a ativação dos conhecimentos armazenados na memória, constituem o ponto de partida para a elaboração de inferências e ajudam a captar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto. A ordem de apresentação desses elementos, o modo como se inter-relacionam para veicular sentidos, as marcas usadas para esse fim, as “famílias” de significado a que as palavras pertencem, os recursos que permitem retomar coisas já ditas e/ou apontar para elementos que serão apresentados posteriormente, enfim, todo o contexto linguístico – ou cotexto contribui de maneira ativa na construção de coerência.

Conhecimento de mundo

O nosso conhecimento de mundo desempenha um papel decisivo na estabelecimento da coerência: se o texto falar de coisas que absolutamente não

conhecemos, será difícil calcularmos o seu sentido e ele nos parecerá destituído de coerência.

Adquirimos esse conhecimento tomando contato com o mundo que nos cerca e experimentando uma série de fatos. Mas ele não é arquivado na memória de maneira caótica: vamos armazenando os conhecimentos em blocos, que se denominam modelos cognitivos. Existem diversos tipos de modelos cognitivos, entre os quais podemos citar:

- a) os *frames*- conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um “ rótulo”, sem que haja qualquer ordenação entre eles; ex: Carnaval (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas, etc.), Natal, viagem de turismo;
- b) os *esquemas* – conjuntos de conhecimentos armazenados em sequência temporal ou causal; ex.: como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum;
- c) os *planos* – conjunto de conhecimento de sobre como agir para atingir determinado objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez;
- d) os *scripts* – conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, os rituais religiosos (batismo, casamento, missa), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas;
- e) as *superestruturas ou esquemas textuais* – conjunto de conhecimentos sobre os diversos tipos de textos, que vão sendo adquiridos à proporção que temos contato com esses tipos e fazemos comparações entre eles.

Observemos com atenção o texto de Ricardo Ramos:

Circuito Fechado

Ricardo Ramos

1

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha.

Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforo. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato,

bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques. (...)

2

3

Muito prazer. Por favor, quer ver o meu saldo? Acho que sim. Que bom telefonar, foi ótimo, agora mesmo estava pensando em você. Puro, com gelo. Passe mais tarde, ainda não fiz, não está pronto. Amanhã eu ligo, e digo alguma coisa. Guarde o troco. Pense que sim. Este mês, não, fica para o outro. Desculpe, não me lembrei. Veja logo a conta, sim? É pena mas hoje não posso, tenho um jantar. Vinte litros, da comum. Acho que não. Nas próximas férias, vou até lá, de carro. Gosto mais assim, com azul. Bem, obrigado, e você? Feitas as contas, estava errado. Creio que não. Já, pode levar. Ontem aquele calor, hoje chovendo. (...)

Fonte: Os Melhores Contos Brasileiros de 1973.

Porto Alegre, Editora Globo, 1974, pp. 169-175

Em 1, temos uma série de palavras justapostas, quase sem nenhum elemento de ligação e que nem mesmo chegam a formar frases completas. No entanto percebemos claramente que se trata da descrição de um dia normal na vida de um homem de negócios. Isto acontece porque temos arquivado na memória o esquema relativo a essas situações. As palavras do texto vão ativar tal esquema, que será posto em funcionamento para permitir-nos a compreensão do texto. Assim a sequência

Em 2, temos outra sequência de termos, expressões e pequenas frases aparentemente desconexas. Podemos notar, porém, que são fórmulas prontas que pronunciamos ao longo de nossos dias e de nossas vidas, em situações bem determinadas, quase sempre da mesma maneira. Trata-se, portanto, de *scripts* que somos chamados a desempenhar nossa vida em sociedade.

Como podemos verificar, os modelos cognitivos são culturalmente determinados e aprendidos através de nossa vivência em dada sociedade.

Além desse conhecimento adquirido pela experiência do dia a dia, existe o conhecimento dito científico, aprendido nos livros e nas escolas. Nem sempre os tipos de conhecimento coincidem, o que pode criar problemas coerência se procurarmos

interpretar um texto científico com base em nosso conhecimento comum (ou vice – versa). Por exemplo, cientificamente, o morcego é um mamífero. Para muitas pessoas, porém, ele é uma ave (visto que voa). Se tais pessoas se deparassem com uma sequência como a abaixo, poderiam considerá-la incoerente:

O morcego entrou pela janela e voejou sobre a sala. De repente, o mamífero enroscou-se nos cabelos da dona da casa.

É o nosso conhecimento de mundo que nos faz considerar estranho que o sol brilha à meia noite; e alguém se enforcar num pé de alface, etc. É também esse conhecimento que nos permite detectar uma série de contradições, como estar pelado com a mão no bolso.

É a partir dos conhecimentos que temos que vamos construir um modelo do mundo representado em cada texto – é o mundo textual. Tal mundo, é claro, nunca vai ser uma cópia fiel do mundo real, já que o produtor do texto recria o mundo sob uma cópia fiel do mundo real, já que o produtor do texto recria o mundo sob uma dada ótica ou ponto de vista, dependendo de seus objetivos, crenças, convicções e propósitos, como iremos ver mais adiante. Mas, para que possamos estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o nosso conhecimento de mundo, pois, caso contrário, não teremos condições de construir o mundo textual, dentro do qual as palavras e expressões do texto ganham sentido.

Conhecimento Partilhado

Como cada um de nós vai armazenando os conhecimentos na memória a partir de nossas experiências pessoais, é impossível que duas pessoas partilhem exatamente o mesmo conhecimento de mundo. É preciso, no entanto, que produtor e receptor de um texto possuam, ao menos, uma boa parcela de conhecimentos comuns. Quanto maior for essa parcela, menor será a necessidade de explicitude do texto, pois o receptor será capaz de suprir as lacunas, por exemplo, através de inferências, como veremos no próximo item.

Para que um texto seja coerente, é preciso haver um equilíbrio entre informação dada e informação nova. Se um texto contivesse apenas informação nova, seria ininteligível, pois faltariam ao receptor as bases (“âncoras”) a partir das quais ele poderia proceder ao processamento cognitivo do texto. De outro lado, se o texto

contivesse somente informação dada, ele seria altamente redundante, isto é, “caminharia em círculos”, sem preencher seu propósito comunicativo.

Ontem estive com o marido de sua irmã. Ele me contou que você e ela vão viajar para o exterior.

Pegue essa xícara vermelha e coloque-a ali.

Em 15 de novembro, teremos eleições para presidente.

Hoje é dia de pagar o carnê.

Outras entidades podem ser inferidas a partir de elementos expressos no texto que ativam determinados “frames” arquivados em nossa memória. Por exemplo:

O visitante acendeu um cigarro e pôs-se a falar nervosamente; a fumaça irritava-me os olhos, mas tentei ouvi-lo com paciência.

Qualquer receptor é capaz de perceber a fumaça de que se fala é produzida pelo cigarro, já que todos sabem que um cigarro aceso produz fumaça. O mesmo ocorre em:

O professor entrou na sala, olhou para os alunos e escreveu no quadro um aviso importante.

O quadro, aqui, é o quadro negro e a sala, uma sala de aula. Tal interpretação é sugerida pelo termos professor e alunos. É por esta razão que, de um modo geral, o contexto (linguístico e situacional) permite desfazer a ambiguidade de termos e expressões da língua.

Inferências

Inferência é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

Vejamos alguns tipos de inferências:

Paulo comprou um Ford novinho em folha.

Interferências:

Paulo tem um carro.

Paulo tinha recursos para comprar o carro.

Paulo é rico.

Paulo é melhor companhia que você.

Quanto maior o grau de familiaridade ou intimidade entre os interlocutores, menor a quantidade de informações explícitas, especialmente no caso de diálogos. É o que podemos ver no diálogo abaixo:

- **A campainha**
- **Estou de camisola.**
- **Tudo bem.**

Não se pode dizer que, do ponto de vista estritamente linguístico, haja uma relação entre as três falas. No entanto, não temos nenhuma dificuldade em estabelecer as “pontes” que faltam. O texto assim “completado” seria:

- a) A campainha está tocando, vá atender.
- b) Não posso, estou de camisola.
- c) Tudo bem, então eu atendo.

É comum, principalmente na conversação (mas muitas vezes também na escrita) omitirmos informações que podem ser facilmente inferidas. Vejamos mais um exemplo:

Fatores de Contextualização

Os fatores de Contextualização são aqueles que “ ancoram” o texto em uma situação comunicativa determinada. Segundo Marcuschi(1983), podem ser de dois tipos: os contextualizadores propriamente ditos e os prospectivos ou retrospectivos. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e portanto, a estabelecer-lhe a coerência.

Imagine-se uma carta escrita por um brasileiro de Campinas a um amigo de São Paulo que se encontrasse no exterior, em que o primeiro se esquecesse de colocar data, local e assinatura, e que dissesse o seguinte:

Hoje o dia está chuvoso. Nosso vizinho da esquina mudou-se para aquele palacete que comprou de meu avô. Não se esqueça de escrever logo para o nosso amigo de infância que mora na fazenda. Ele precisa daquela informação ainda esta semana.
Um abraço

Sem os elementos contextualizadores, fica difícil decodificar a mensagem. Também em documentos, correspondência oficial e outros textos do gênero, o timbre, o carimbo, a data, a assinatura serão de extrema importância, servindo, inclusive, para dar fé ao texto.

Entre os fatores gráficos, temos: disposição na página, ilustrações, fotos, localização no jornal (caderno, página), que contribuem para a interpretação do texto. Os fatores perpectivos ou prospectivos são aqueles que avançam expectativas sobre o conteúdo – e também a forma – do texto: título, autor, início do texto.

O título, de modo geral, permite prever “sobre o que” o texto fala. É claro que existem títulos despistadores, intencionalmente ou não. A publicidade e o humor costumam utilizar-se com frequência desse recurso. Vejamos o exemplo :

SENHORA DA SOCIEDADE CRIA UM TARZÃ.

Um pouco para o pálido.

Ricardo era um menino que hoje em dia se aceita como normal. Ano passado, sua mãe comprou um terreno na Enseada Azul, às margens da represa de Jurumirim e financiou uma casa de campo pelo Banco X.

Agora, fim de semana é lá.

Ricardo sobe em árvore, nada, esquia, veleja.

Ganhou a cor que Deus quer que as pessoas tenham.

Ficou forte, esperto.

Um verdadeiro Tarzã.

Há outros terrenos na Enseada Azul. Lindos, fáceis de comprar. Para você anotes os telefones: 853-6777 e 8536773 Sigma 64 Administração e Comércio.

Também o nome do autor permite fazer previsões sobre o texto, quer quanto à forma, quer quanto ao conteúdo. Muitas vezes, ele nos leva a ler ou rejeitar o texto, conforme as nossas preferências quanto ao estilo e as nossas opiniões sobre o tema.

O início do texto traz informações sobre o tipo (por exemplo, Era uma vez...) ou sobre o próprio assunto. Também aqui, formulando hipótese sobre o conteúdo do texto que podem confirmar-se ou não.

Situacionalidade

A situacionalidade, outro fator responsável pela coerência, pode ser vista atuando em duas direções:

a) *da situação para o texto* – neste caso, trata-se de determinar em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção do texto e, portanto, no estabelecimento da coerência. A situação deve ser aqui entendida quer em sentido estrito – a situação comunicativa propriamente dita, isto é, o contexto imediato da interação -, quer em sentido amplo, ou seja, o contexto sócio – político – cultural em que a interação está inserida. Sabe-se que a situação comunicativa tem interferência direta na maneira como o texto é construído, sendo responsável, portanto, pelas variações linguísticas. É preciso, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: grau de formalidade, variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, etc. O lugar e o momento da comunicação, bem como as imagens recíprocas que os interlocutores fazem uns dos outros, os papéis que desempenham, seus pontos de vista, objetivo da comunicação, enfim, todos os dados situacionais vão influir tanto na produção do texto, como na sua compreensão.

b) *Do texto para a situação* – também o texto tem reflexos importantes sobre a situação comunicativa: o mundo textual não é jamais idêntico ao mundo real. Ao construir um texto, o produtor recria o mundo de acordo com seus objetivos, propósitos, interesses, convicções, crenças, etc. O mundo criado pelo texto é, portanto, uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor a partir de determinada perspectiva, de acordo com determinadas intenções. É por isso que, quando várias pessoas descrevem um mesmo objeto, as descrições nunca vão ser exatamente iguais; quando diversas testemunhas relatam um fato, os depoimentos vão divergir uns dos outros. Os referentes textuais não são idênticos aos do mundo real, mas são reconstruídos no interior do texto. O receptor, por sua vez, interpreta o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos, as suas convicções- há sempre uma mediação entre o mundo real e o mundo textual.

Assim, na construção da coerência, a situacionalidade exerce também um papel de relevância. Um texto que é coerente em dada situação pode não sê-lo em outra: daí a importância da adequação do texto à situação comunicativa.

Informatividade

Outro fator que interfere na construção da coerência é a informatividade, que diz respeito ao grau de previsibilidade (ou expectabilidade) da informação contida no texto. Um texto será tanto menos informativo, quanto mais previsível ou esperada for a informação por ele trazida. Assim, se contiver apenas informação previsível ou redundante, seu grau de informatividade será baixo; se, por fim, toda a informação de um texto inesperada ou imprevisível, ele terá um grau máximo de informatividade,

podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

O oceano é água

O oceano é água. Mas ele se compõe, na verdade, de uma solução de gases e sais.

O oceano não é água. Na verdade, ele é constituído de gases e sais.

É a informatividade, portanto, que vai determinar a seleção e o arranjo das alternativas de distribuição da informação no texto, de modo que o receptor possa calcular-lhe o sentido com maior ou menor facilidade, dependendo da intenção do produtor de construir um texto mais ou menos hermético, mais ou menos polissêmico, o que está, evidentemente, na dependência da situação comunicativa e do tipo de texto a ser produzido.

Focalização

A focalização tem a ver com a concentração dos usuários (produtor e receptor) em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo textual. Seria como uma câmera que acompanhasse tanto o produtor como o receptor no momento em que um é processado. O primeiro fornece ao segundo determinadas pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o segundo terá de recorrer a crenças e conhecimentos partilhados sobre o que está sendo focalizado, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado. Devido ao Princípio de Cooperação (quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procurar calcular o sentido do texto do(s) interlocutor, partindo das pistas que ele contém e ativando seu conhecimento de mundo, da situação, etc), ambos os interlocutores vão agir como se estivessem focalizados semelhantemente.

Diferenças de focalização podem causar problemas sérios de compreensão, impedindo, por vezes, o estabelecimento da coerência. Verifica-se, portanto, que a focalização tem relação direta com a questão do conhecimento de mundo e de conhecimento partilhado. Um mesmo texto, dependendo da focalização, pode ser lido de modo totalmente diferente. Imagine-se um conto fantástico lido por um psicólogo, um padre, um político, um sociólogo. Provavelmente, as leituras seriam bastante diferentes, devido às diferentes focalizações. Veja-se, por exemplo, o texto abaixo em que um casamento é visto por um crítico teatral.

O Crítico Teatral vai ao casamento

Como espetáculo, o casamento da Senhorita Lídia Teles de Souza com o Sr. Herval Nogueira foi realmente um dos mais irregulares a que temos assistido nos últimos tempos. A senhorita Teles parecia muito nervosa, nervosismo justificado por estar estreando em casamentos (o que não se pode dizer do noivo, que tem muita experiência de altar) de modo que sua dicção, normalmente já não muito boa, foi prejudicada a tal ponto que os assistentes das últimas filas não lhe ouviram uma palavra. O cenário, altamente convencional, tinha apenas uma nota de originalidade nos cravos vermelhos que enfeitavam as paredes. Os turíbulos estavam muito bem colocados, mas os figurino de todos oficiantes foram, visivelmente aproveitados de outras produções.

O noivo representou o papel com firmeza, embora um tanto frio. Disse “sim” ou “aceito” (não ouvimos bem suas frases porque a acústica da abadia é péssima). Fora os pequenos senões notados, teremos que chamar a atenção, naturalmente, para o coroinha, que a todo momento coçava a cabeça, indiferente completamente à representação, como se não partisse dela. A música foi também mal escolhida, numa prova de terrível mau gosto. Realmente, pode ser que a marcha nupcial de Mendelssohn já esteja muito batida, mas é sempre preferível esse fundo ortodoxo a uma inovação do tipo da usada, tendo o coro cantando o samba. “É com esse que eu vou”.

O fato de a noiva chegar atrasada também deixou altamente impacientes os espectadores, que a certo momento começaram mesmo a mostrar evidentes sinais de nervosismo. A sua entrada, porém, foi espetacular, e o modelo que trajava, além do andar digno que soube usar para se encaminhar ao palco de seu destino, rendeu-lhe os melhores parabéns ao fim do espetáculo.

O vitorioso da noite foi, sem dúvida alguma, o padre, que disse o seu sermão com voz clara e emocionada, num texto traduzido do latim com toda perfeição.

Em suma – espetáculo normal, que deve ser assistido por todos os parentes e amigos. Lamentamos apenas – e tomamos como um deplorável sinal dos tempos – a qualidade do arroz jogado sobre os noivos.

(Fernandes, Millôr – Trinta anos de mim mesmo. Círculo do livro, p.78).

A mesma palavra poderá ter sentido diferente, dependendo da focalização. No caso de palavras homônimas, a focalização comum dos interlocutores permitirá depreender o sentido do termo naquela situação específica. É o que acontece, por exemplo, com o termo vela em (58):

Traga-me uma vela nova.

- a) o marido para a mulher no momento em que acaba a luz.
- b) o mecânico que está consertando um carro.
- b) o armador que está construindo um barco.

Um dos importantes meios de evidenciar a focalização é o uso do que chamamos de descrições ou expressões definidas, isto é, grupos nominais introduzidos por artigos definido (ou por demonstrativos). Tais expressões selecionam, dentre as propriedades e características do referente, aquelas sobre as quais se deseja chamar a atenção. Por exemplo, podemos nos referir a uma mesma garota de várias maneiras, sem usar o seu nome: a menina bonita, a namorada de José, a primeira aluna da classe, a filha do vizinho, a excelente nadadora etc., desde que todas estas propriedades lhe possam ser atribuídas. É claro, porém, que dependendo da focalização, iremos usar uma e não outras, selecionando aquelas que foram mais adequadas aos nossos propósitos.

Também o título do texto é, em grande parte dos casos, responsável pela focalização, pois, como já vimos anteriormente, ativa e/ou seleciona conhecimentos de mundo que temos arquivados na memória, avançando expectativas sobre o conteúdo do texto. Um mesmo texto, com títulos diferentes, poderá ter leituras diferentes; mudando-se o título de um texto, algumas das palavras que o compõem podem mudar de sentido ou parecer estranhas ou mesmo inadequadas.

No ensino de redação, quando dizemos ao aluno que deve delimitar o assunto e estabelecer um objetivo para o seu texto, estamos, na verdade, levando – o a focalizar o tema de um determinado modo. É por isso, também, que, quando damos aos alunos um tema para ser desenvolvido, os textos nunca saem idênticos devido às diferenças de focalização.

Intertextualidade

Outro importante fator de coerência é a intertextualidade, na medida em que, para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto recorre – se ao conhecimento prévio de outros textos. A intertextualidade pode ser de forma ou conteúdo.

A intertextualidade de forma ocorre quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso. Exemplo de intertextualidade de forma pode ser detectada entre a “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias e trechos do Hino Nacional Brasileiro e da Canção do Expedicionário:

Do que a terra mais garrida

Teus risinhos lindos campos têm mais flores

Nossos bosques têm mais vida,

Nossa vida em teu seio mais amores.

(Hino Nacional Brasileiro – Letra: Osório Duque Estrada)

Por mais terra que eu percorra

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte para lá...

(Canção do Expedicionário)

Romano Sant’Anna aponta a intertextualidade formal entre versos de Petrarca e de Camões, numa época em que a técnica da imitação era valorizada:

Petrarca: L’Amante nell’ amato se transforma

Camões: Transforma-se o amador em cousa amada.

Petrarca: Che chontra il ciel non val difesa umana

Camões: Que contra o céu não vai defesa humana.

Um subtipo de intertextualidade formal é a intertextualidade tipológica, que também é importante para o processamento adequado do texto. Como já dissemos, os conhecimentos de mundo são armazenados em nossa memória sob forma de blocos – os modelos cognitivos globais, entre os quais estão as superestruturas ou esquemas textuais, que são conjuntos de conhecimentos que se vão acumulando quanto aos diversos tipos de textos utilizados em dada cultura. Assim, por exemplo, de tanto ouvir contar histórias, a criança constrói seu “modelo de história”, que lhe permite reconhecer e produzir histórias, e será o ponto de partida para a construção do esquema ou da superestrutura narrativa. O mesmo vai ocorrer com relação aos outros tipos textuais. É evidente que alguns deles vão ser desenvolvidos através de uma aprendizagem mais sistemática, na escola, por exemplo. Isto não significa, porém, que uma pessoa que nunca tenha frequentado os bancos escolares seja incapaz de narrar, de descrever, de argumentar ou de escrever (ou ditar) uma carta.

O conhecimento dos tipos textuais, portanto, permitirá ao leitor “enquadrar” o texto em determinado esquema, o que lhe poderá dar pistas importantes para a sua interpretação.

Quanto ao conteúdo, pode-se dizer que a intertextualidade é uma constante: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma

cultura, etc., dialogam, necessariamente, uns com os outros. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira explícita ou implícita.

No primeiro caso, o texto contém a indicação da fonte do texto primeiro, como acontece com o discurso relatado; as citações e referências no texto científico; resumos e resenhas; traduções; retomadas da fala do parceiro na conversação face – a – face, etc. Já no caso da interceptação deverá ter os conhecimentos necessários para recuperá-la; do contrário, não será capaz de captar a significação implícita que o produtor pretende passar. É o caso de alguns tipos de ironia, da paródia, de certas paráfrases, etc.

São exemplos de intertextualidade explícita:

Segundo Beaugrande & Dressler – 1981, “ a coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual são entre si mutuamente acessíveis e relevantes, entrando numa configuração veiculadora de sentidos”.

Concordamos com Charolles – 1983, quando afirma ser a coerência um princípio de interpretabilidade do discurso.

a) Hoje vai chover.

b) Hoje vai chover? Então vamos deixar o passeio para amanhã.

Não havendo indicação da fonte do texto original, caberá ao receptor, por meio de seu conhecimento de mundo, não só descobri-la como detectar a intenção do produtor do texto ao retomar o que foi dito por outrem. São comuns, por exemplo, textos que imitam a linguagem da Bíblia. O leitor desses textos que não conheça a Bíblia não chegará, evidentemente, a captar todas as significações pretendidas pelo autor.

As matérias jornalísticas de um mesmo dia ou de uma mesma semana – quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais -, noticiários de rádio e TV – normalmente “dialogam” entre si, ao tratarem de um fato em destaque (intertextualidade de conteúdo).

A intertextualidade é comum também na música popular, quando o autor retoma trechos de outras canções próprias ou alheias (no caso de retomas de textos próprios, fala-se, por vezes, de intratextualidade). A intertextualidade se estabelece também quando nos “apropriamos” de provérbios e ditos populares em nossas conversas ou em nossos textos escritos, endossando – os ou em nossos textos escritos, endossando – os ou revertendo a sua forma e/ou o seu sentido.

Romano de Sant'Anna distingue, ainda a intertextualidade das semelhanças da intertextualidade das diferenças. No primeiro caso, manifesta – se adesão ao que é dito no texto original (como ocorre nos exemplos abaixo); no segundo caso, representa-se o que foi dito para propor uma leitura diferente e/ou contrária. A repetição pura e simples, bem como a paráfrase pertencem ao primeiro tipo; já a paródia, a ironia, a concessão ou concordância parcial (em que se “ acolhe” os argumentos contrários para, em seguida, apresentar argumentos decisivos capazes de destruí-los) são exemplos do segundo tipo.

Canção do Exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia

Onde cantam gaturamos de Veneza.

(Murilo Mendes)

(72) Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares

Onde gorjeia o mar

Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá.

Minha terra tem mais rosas

E quase que mais amores

Minha terra tem mais ouro

Minha terra tem mais terra.

Ouro terra amor e rosas

Eu quero tudo de lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que eu volte para lá.

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte pra São Paulo

Sem que veja rua 15

E o progresso de São Paulo.

(Oswaldo Andrade)

O reconhecimento do texto-fonte e dos motivos de sua reapresentação, no caso da intertextualidade implícita, é, como se vê, de grande importância para construção do sentido de um texto.

Intencionalidade

Como vimos, o produtor de um texto tem, necessariamente, determinados objetivos ou propósitos, que vão desde a simples intenção de estabelecer ou manter o contato com o receptor até a de levá-lo a partilhar de suas opiniões ou a agir ou comporta-se de determinada maneira. Assim, a intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam um texto para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados a obtenção dos efeitos desejados. É por esta razão que o emissor procura, de modo geral, construir seu texto de modo coerente e dar pistas ao receptor que lhe permitam construir o sentido desejado. Para tanto, o emissor do texto vai mobilizar todos os outros fatores de textualidade, inclusive, dependendo do tipo de texto (científico, didático, expositivo, etc.), utilizando os mecanismos de coesão já mencionados. Pode ocorrer, no entanto, que o produtor afrouxe propositadamente a coerência de seu texto, se quiser obter determinados efeitos, como: fazer-se passar por desmemoriado, por louco, por embriagado, etc.

A aceitabilidade constitui a contraparte da intencionalidade. Já se disse que, segundo o Princípio Cooperativo de Grice, o postulado básico que rege a comunicação humana é o da cooperação, isto é, quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procurar calcular o sentido do texto do(s) interlocutor, partindo das pistas que ele contém e ativando seu conhecimento de mundo, da situação, etc. Assim, mesmo que um texto não se apresente, à primeira vista, como perfeitamente coerente e não tenha explícitos os elementos de coesão, o receptor vai tentar estabelecer a sua coerência, dando-lhe a interpretação que lhe pareça cabível, tendo em vista os demais fatores de textualidade. É por isso que, como já mencionamos por várias vezes, Charolles – 1983 conceitua a coerência como um princípio de interpretabilidade do discurso.

A intencionalidade tem relação estreita com o que se tem chamado de argumentatividade. Se aceitarmos como verdade que não existem textos neutros, que há sempre alguma intenção ou objetivo da parte de quem produz um texto, e que este não é jamais uma “cópia” do mundo real, pois o mundo é recriado no texto através da mediação de nossas crenças, convicções, perspectivas e propósitos, então somos obrigados a admitir que existe sempre uma argumentatividade subjacente ao uso da linguagem.

A argumentatividade manifesta-se nos textos por meio de uma série de marcas ou pistas que vão orientar os seus enunciados no sentido de determinadas conclusões, isto é, que vão determinar-lhes a orientação argumentativa, segundo uma perspectiva dada. Entre estas marcas encontra-se o tempo verbal. Entre estas marcas encontram-se os tempos verbais, os operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim, etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente, etc.), entre outros. A partir destas marcas, como também das inferências e dos demais elementos construtores da textualidade estudados neste capítulo, o receptor construirá a sua leitura, entre aquelas que o texto, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado, permite. É por isso que todo texto abre a possibilidade de várias leituras.

Consistência e Relevância

De acordo com Giora – 1985, dois requisitos básicos para que um texto possa ser tido como coerente são a consistência e a relevância.

A condição de consistência exige que cada enunciado de um texto seja consistente com os enunciados anteriores, isto é, que todos os enunciados do texto possam ser verdadeiros (isto é, não contraditórios) dentro de um mesmo ou dentro dos mundos representados no texto.

O requisito da relevância exige que o conjunto de enunciados que compõem o texto o texto seja relevante para um mesmo tópico, que pode ser dividido em subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

No texto escrito, normalmente, tem-se um só tópico, que pode ser dividido em subtópicos. É claro que pode haver exceções, como, por exemplo, no caso de cartas familiares. Na conversação, que é uma atividade de co-produção discursiva (cf. Marcuschi – 1986), o tópico é desenvolvido por pelo menos duas pessoas, em turnos alternados, de modo que o tópico vai se construindo na própria interação, podendo desenvolver-se e/ou alternar-se a cada turno. Desse modo, é possível haver, numa mesma conversação, diversos tópicos (ou melhor, quadros tópicos), que podem ou não ser englobados num tópico mais amplo. Assim, na conversação, as contribuições dos parceiros deverão ser relevantes para o tópico em curso em dado momento. Mas o texto conversacional poderá ser ainda coerente se dado enunciado ou conjunto de enunciados vierem introduzidos por meio de um marcador de digressão, como: por falar nisso, fazendo um parênteses, desculpe interromper mas..., lembrei-me agora de ..., etc.

A coerência não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si, mas sim que ela se constrói na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, em decorrência de todos os fatores aqui examinados.

Exercícios – Coerência Textual

1. Explique a incoerência dos textos abaixo:

- a) Todo e qualquer tipo de violência é repugnante. É lamentável o que presenciamos nos dias de hoje: crimes hediondos, pais que espancam filhos, maridos que agredem fisicamente a mulher; enfim, vive-se numa época em que não se respeita mais o próximo. Por isso, deve-se implantar o mais rapidamente possível a pena de morte em nosso país, pois, só assim, a justiça tirará as vendas dos olhos e dará tranquilidade à população.

.

- b) Deus é amor e pura bondade. Quem n'Ele confia tem todas as bênçãos recaídas sobre si, mas aquele que se desvia dos caminhos do Pai recebe os castigos provenientes da ira divina.

.

- c) A frente da casa da vovó é voltada para o leste e tem uma enorme varanda. Todas as tardes ela fica na varanda em sua cadeira de balanço apreciando o pôr-do-sol.

.

2. Explique a intertextualidade da frase abaixo.

O Marcel comercializa lingerie no Rio de Janeiro. Com o Exporta Fácil, ele agora atende da Garota de Ipanema à Garota de Berlim.

(Propaganda dos Correios- Revista Época)

3. Leia atentamente os dois textos que seguem, explique como a coerência foi estabelecida com base no que aprendemos sobre a coerência.

ANEDOTA BÚLGARA

Era uma vez um czar naturalista

Que caçava homens.

Quando lhe disseram que também se caçavam borboletas e andorinhas,

Ficou muito espantado

E achou uma barbaridade.

Carlos Drummond de Andrade

ANEDOTA NACIONAL

Era uma vez um político capitalista

Que desviava milhões para o próprio bolso.

Quando lhe disseram que mendigos roubavam comida para matar a fome,

Ficou cheio de patriotismo

E achou que aquele roubo devia ser punido exemplarmente.

4. “**Além de** parecer não ter rotação, a Terra parece também estar imóvel no meio dos céus. Ptolomeu dá argumentos astronômicos para tentar mostrar isso. Para entender esses argumentos, é necessário lembrar que, na antiguidade, imagina-se que todas as estrelas (mas não os planetas) estavam distribuídas sobre uma superfície esférica, cujo raio não parecia ser muito superior à distância da Terra aos planetas. Suponhamos agora que a Terra esteja no centro da esfera das estrelas. Neste caso, o céu visível à noite deve abranger, de cada vez, exatamente a metade da esfera das estrelas. E assim parece realmente ocorrer: em qualquer noite, de horizonte a horizonte, é possível contemplar, a cada instante, a metade do zodíaco. Se, **no entanto**, a Terra estivesse longe do centro da esfera estelar, **então** o campo de visão à noite não seria, em geral, a metade da esfera: algumas vezes poderíamos ver mais da metade, outras vezes poderíamos ver menos da metade do zodíaco, de horizonte a horizonte. **Portanto**, a evidência astronômica parece indicar que a Terra está no centro da esfera de estrelas . E se ela está sempre nesse centro, ela não se move em relação às estrelas.

a) O terceiro período (para entender esses... da Terra aos planetas) representa, no texto,

- (a) o principal argumento de Ptolomeu
- (b) o pressuposto da teoria de Ptolomeu
- (c) a base para as teorias posteriores à de Ptolomeu
- (d) a hipótese suficiente para Ptolomeu retomar as teorias anteriores
- (e) o fundamento para o desmentido da teoria de Ptolomeu

b) Os termos além de, no entanto, então, portanto estabelecem no texto relações, respectivamente, de

- (a) distanciamento – objeção – tempo – efeito
- (b) adição – objeção – tempo- conclusão
- (c) distanciamento – consequência – conclusão – efeito
- (d) distanciamento – oposição – tempo – consequência
- (e) adição – oposição – consequência – conclusão

5. Um dos recursos utilizados para evitar a repetição é a substituição de palavras por termos equivalente. Melhore as frases a seguir:

a) A mãe levou a criança ao médico, porém não confiou nas orientações dadas pelo médico.

b) Ontem esteve tenso o clima no Afeganistão. O povo do Afeganistão recebeu instruções contra os ataques americanos.

c) O diretor daquela empresa demitiu vários funcionários. Os funcionários entraram com um processo junto ao sindicato.

6. Ainda é possível substituir uma palavra repetida por um pronome pessoal. Faça-o.

a) O funcionário queria usar o computador, mas não sabia como ligar o computador.

--

b) Pegou a agenda e anotou na agenda o meu telefone.

--

c) Um grupo de aposentados foi ao gabinete da prefeita e pediu à prefeita isenção do IPTU.

--

d) Rodrigo comprou um lanche, mas, ao provar o lanche, não gostou do lanche.

--

Leia o texto abaixo e responda às questões:

ROUBADO NO RIO, RECUPERADO EM SÃO PAULO

Um dos 24 livros antigos roubados do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, foi parar na feirinha de antiguidades do Bexiga, em São Paulo. O volume *Historia Naturalis Brasiliae*, de 1648, foi oferecido ao antiquário Jefferson Pereira. Ele comprou o exemplar e o entregou à secretária de Cultura de São Paulo, **Cláudia Costin**. O museu constatou que é o mesmo exemplar que desapareceu de suas estantes. Graças a Pereira, a polícia pôde recuperar os outros livros furtados.

7. Explique qual é o tipo de mecanismo de coesão estabelecido em:

a) "... e o entregou à secretária ..." (0,5)

b) "desapareceu de **SUAS** estantes." (0,5)

b) O **VOLUME** *Historia Naturalis Brasiliae ...*" (0,5)

c) Ele comprou o **EXEMPLAR** e o entregou... (0,5)

b. Qual é o sentido estabelecido pela conjunção "e" no trecho "Ele comprou o exemplar **E** o entregou..." (0,5)



8. A propaganda anterior apresenta como principal ponto para chamar atenção um mecanismo de coesão. Qual é?

9. SUPER-HOMEM - A CANÇÃO

Gilberto Gil 1979

Um dia

Vivi a ilusão de que ser homem bastaria

Que o mundo masculino tudo me daria

Do que eu quisesses ter

Que nada

Minha porção mulher, que até então se resguardara

É a porção melhor que trago em mim agora

É que me faz viver

Quem dera

Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera

Ser o verão o apogeu da primavera

E só por ela ser

Quem sabe

O Super-homem venha nos restituir a glória

Mudando como um deus o curso da história

Por causa da mulher

- a) Qual é a **intertextualidade** que o texto apresenta? Explique o seu sentido relacionando-o à coerência global do texto?

- b) Explique como os **fatores de contextualização** podem ajudar a compreender esta música?

c) Qual é a **focalização** do texto?

--

d) Explique os fatores de coerência **intencionalidade e aceitabilidade** presentes na música.

e) O texto se constitui a partir de uma **inferência** do autor. Qual é esta inferência e como ela se explica dentro do texto?

Despertemos o leitor

Os leitores são, por natureza, dorminhocos. Gostam de ler dormindo.

Autor que **os** queira conservar não deve ministrar-**lhes** o mínimo susto. Apenas as eternas frases feitas. “A vida é um fardo” – isto por exemplo, pode-se repetir sempre. E acrescentar impunemente: “disse Bias”. Bias não faz mal a ninguém, como aliás os outros seis sábios da Grécia, **pois** todos os sete, como há vinte séculos já se queixava Plutarco, eram uns verdadeiros chatos. Isto para ele, Plutarco. Mas para o grego comum da época, deviam ser a delícia e a tábua de salvação das conversas.

Pois não é mesmo tão bom falar e pensar sem esforço? O lugar-comum é a base da sociedade, a da política, a **sua** filosofia, a segurança das instituições. Ninguém é levado a sério com idéias originais.

Já não é a primeira vez, por exemplo, que um figurão qualquer declara em entrevista:

“O Brasil não fugirá ao **seu** destino histórico!”

O êxito da **tirada**, a julgar pelo destaque que lhe dá a imprensa, é sempre infalível, embora o leitor semidesperto possa desconfiar **que isso** não quer dizer coisa alguma, pois nada foge mesmo ao seu destino histórico, seja um Império que desaba **ou** uma barata esmagada. (Mario Quintana)

10. Explique que tipos de mecanismos de coesão foram destacados acima:

Os
Lhes
Pois
Pois
sua
Seu
Tirada
Que
Isso
ou

Leia o texto a seguir para responder às questões:

Números em letras (Márcia Dessen , Folha de São Paulo, 23/05/2016)

Poucos brasileiros conhecem os princípios básicos da matemática financeira. O conceito de juros, por exemplo. Poucos são capazes de compreender o estrago que pode provocar nas finanças pessoais.

Por ignorar o conceito de juros compostos, muitos embarcam na canoa furada de pagar com o cartão de crédito, com planos de parcelar a fatura. Essa mania de parcelar as compras e pensar só no valor da prestação, achando que dá conta de pagar, é muito perigosa.

A taxa de juros simples incide somente sobre o saldo devedor inicial, sendo muito menos onerosa para o devedor. O juro composto incide sobre o saldo acrescido dos juros devidos. Assim, o devedor paga juros sobre juros. A conta fica mais alta e leva muito mais tempo para pagar.

Vamos exemplificar com uma compra de R\$ 100 que será financiada no cartão, com pagamento mensal de R\$ 15. A simulação considera taxa de juros de 16% ao mês e ignora outros encargos.

MÊS UM

Você recebe a fatura do cartão com a compra de R\$ 100 e decide parcelar, pagar o valor mínimo de R\$ 15. Sua rápida contabilidade mental indica que agora você deve R\$ 85 e logo dará conta de liquidar a fatura. Mas você se esqueceu de considerar os juros. Sobre os R\$ 85 incidem juros de 16% ao mês e o saldo devedor do mês seguinte será de R\$ 98,60.

É isso mesmo. A parcela mínima paga corresponde aproximadamente ao valor dos juros. Ou seja, você não amortizou quase nada da dívida. Já pagou R\$ 15 e está devendo praticamente a mesma coisa. Você ainda não sabe, mas aqui começa a rolar uma bola de neve que vai se estender pelos próximos 17 meses.

MÊS DOIS

No mês seguinte você recebe a fatura com o saldo devedor de R\$ 98,60. Paga novamente a prestação de R\$ 15,00. Seu saldo devedor depois de pagar a prestação é de R\$ 83,60. Mas aí vem o famigerado juro de 16% e corrige novamente o saldo devedor, que passa a R\$ 96,98. Você deve estar pensando que algo está errado. Já pagou R\$ 30 e o saldo devedor continua praticamente o mesmo?! Desse jeito vai demorar para se livrar dessa dívida...

MÊS 17

Mantido o ritmo de pagamento de R\$ 15,00 por mês, a dívida será liquidada em 17 meses, depois de pagar R\$ 254,70, duas vezes e meia o saldo devedor inicial. Só de juros foram pagos R\$ 154,70. E, para chegar a esse valor, o exemplo considera que não houve outra compra no cartão e que todas as parcelas de R\$ 15 foram pagas pontualmente na data de vencimento, não sendo devido juro adicional por atraso de pagamento.

REALIDADE

"Mas era só uma comprinha inocente de R\$ 100... como foi que me meti nessa enrascada?", você deve estar pensando. O estrago provocado por uma compra de R\$ 1.000 é proporcionalmente o mesmo. Com parcelas de R\$ 150, ao final de 17 meses você terá pago R\$ 2.550, duas vezes e meia o valor financiado.

Pense em quanta coisa você poderia ter comprado com esse dinheiro. Mas, em vez de ficar com ele, você preferiu enriquecer a administradora do cartão, que está rindo à toa, admirada com a riqueza transferida por tantos consumidores, como você.

O exemplo numérico reflete fielmente a vida como ela é. Aliás, podia ser pior. De acordo com o site do Banco Central do Brasil, a instituição financeira que pratica atualmente a taxa de juros mais alta para essa modalidade de crédito cobra 22% ao mês! Difícil de acreditar.

Se você não gosta de números e nem calculadora tem, acesse o site do Banco Central e localize a "Calculadora do Cidadão". É fácil de usar, faça uma simulação antes de comprar pensando em financiar a fatura.

14) Preencha as lacunas a seguir com conjunções ou locuções de conclusão, concessão e concessão, respectivamente. Use diferentes concessivas para o segundo e terceiro casos:

A parcela mínima paga corresponde aproximadamente ao valor dos juros, _____ você não amortizou quase nada da dívida. Está devendo praticamente a mesma coisa _____ já tenha pago R\$ 15. _____ você ainda não saiba, aqui começa a rolar uma bola de neve que vai se estender pelos próximos 17 meses.

15) Escreva na linha abaixo do fragmento o elemento do texto que o termo grifado recupera.

No mês seguinte você recebe a fatura com o saldo devedor de R\$ 98,60. Paga novamente a prestação de R\$ 15,00. Seu saldo devedor depois de pagar a prestação é de R\$ 83,60. Mas aí vem o famigerado juro de 16% e corrige novamente o saldo devedor, que passa a R\$ 96,98.

16) Substitua o termo grifado por outro equivalente e reescreva o período fazendo alterações necessárias para manter a correção gramatical.

Se você não gosta de números e nem calculadora tem, acesse o site do Banco Central e localize a "Calculadora do Cidadão".
